

**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA - AJES
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA**

APROVADA

NOTA: 8,5

**A IMPORTÂNCIA DOS FATORES AFETIVOS APRESENTADOS NA RELAÇÃO
PROFESSOR-ALUNO E A SUA INFLUÊNCIA NO PROCESSO DE
APRENDIZAGEM NA ALFABETIZAÇÃO.**

REGINA HELENA SANTOS

reghelenahotmail.com

ORIENTADOR: PROF. DR. ILSO FERNANDES DO CARMO

JUINA/2016

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA - AJES
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA

A IMPORTÂNCIA DOS FATORES AFETIVOS APRESENTADOS NA RELAÇÃO
PROFESSOR-ALUNO E A SUA INFLUÊNCIA NO PROCESSO DE
APRENDIZAGEM NA ALFABETIZAÇÃO.

REGINA HELENA SANTOS

reghelenah@hotmail.com

ORIENTADOR: PROF. DR. ILSO FERNANDES DO CARMO

*“Trabalho de pesquisa apresentado
como exigência parcial para obtenção
do título de Especialização em
Psicopedagogia.”*

JUÍNA/2016

DEDICATÓRIA

Quero dedicar este trabalho primeiramente à Deus criador do universo e de todas as maravilhas nele existente, que sempre guiou minha jornada. Dedico também à minha família, que direta e/ou indiretamente compartilharam desta minha luta e com carinho muito especial a todos os colegas e professores, mestres e doutores, que participaram para a ampliação de meus conhecimentos, os quais sem dúvidas têm sido um grande investimento na minha vida profissional e pessoal.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me concedido o dom da sabedoria, a coragem e a disposição para enfrentar todos os obstáculos e conseguir realizar este trabalho de conclusão de curso, com determinação.

Agradeço também à colega professora Aneilza Santos Duarte, pelas orientações preciosas que tem me fornecido. Meus agradecimentos também a toda a minha família, com muito amor e especialmente ao meu orientador professor Dr. Ilso Fernandes do Carmo que, com sua competência e presteza não mediu esforços para auxiliar-me em todos os momentos que necessitei.

RESUMO

A iniciativa deste trabalho partiu da angústia vivenciada por mim e por muitos profissionais de educação em relação a grande dificuldade de lidar com os alunos, assim como, saber interagir com eles para facilitar a aquisição do aprendizado. Muitos estudantes também possuem esta dificuldade de se aproximar dos seus professores para conversar e principalmente, para tirar suas dúvidas sobre os conteúdos ministrados, onde possivelmente ocorre o fracasso escolar.

A afetividade aponta a ação de ensinar e aprender decorrente da união das pessoas, a qual deve ter início no seio familiar, pois é mediante este ato que as crianças despertam a atenção dos adultos para si, anunciando seus desejos na busca do conhecimento. Esta prática é indispensável nos primeiros meses de vida, da criança, bem como, nos anos iniciais da vida escolar, criando desta forma um espaço de confiança e motivação.

Para o bom desenvolvimento deste trabalho, realizei estudos com pesquisas bibliográficas as quais encontram-se no referencial do mesmo e, mediante tais estudos e pesquisas pude obter excelentes resultados, dentre eles facilitar a vida do educando com atividades e dinâmicas interativas e agradáveis, repletas de ludicidade, transformando o ambiente num espaço mais agradável.

Palavras-chave: Interação. Afetividade. Ludicidade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	06
CAPÍTULO I	
1. O VALOR DO AFETO NA INTERAÇÃO PROFESSOR-ALUNO.....	08
1.1 INFLUÊNCIAS DO AFETO NO PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM	9
CAPÍTULO II	
2. INTERAÇÃO	E
AGRESSIVIDADE.....	Erro! Indicador não
definido.	
2.1 A FAMÍLIA E A ESCOLA, UMA RELAÇÃO INDISPENSÁVEL	22
2.2 A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA: AMOR, PARTICIPAÇÃO E INTERAÇÃO	23
CAPÍTULO III	
3. A FUNÇÃO DOS EDUCADORES NA DISCIPLINA DOS EDUCANDOS....	25
3.1 A NOSSA JUVENTUDE E SUAS RELAÇÕES AFETIVAS	27
3.2 A AMIZADE E SEUS PRINCÍPIOS	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	30

INTRODUÇÃO

A interação entre professor e aluno precisa de profissionais que saibam administrar o progresso das informações envolvendo os estudantes em ações de seu dia-a-dia. Conseqüentemente, necessitamos ter em mente um compêndio de experimentos e disposição para aplicarmos o que realmente desejamos realizar. É imprescindível avaliar nosso papel de evidência na sociedade onde pretendemos desenvolver nosso trabalho. Todavia, precisamos nos preparar para agirmos na inspiração de uma nova cultura na sala de aula e deste modo transformar a escola num ambiente acolhedor, com uma aparência mais humanística, onde perpetua atenção e dedicação, pois, a relação professor aluno é essencial para que o ensino-aprendizagem ocorra com muita presteza e benevolência, criando assim um espaço de confiança e motivação.

A relação de afetividade aponta a ação de ensinar e aprender decorrente da união das pessoas e inicia na própria família, pois é por meio da afabilidade que as crianças atraem a atenção dos adultos para si, anunciando suas vontades e os cuidados de que necessita. E geralmente, é o vínculo afetivo desenvolvido entre o adulto e a criança que ampara a fase inicial do método de aprendizagem. Esta ação é fundamental nos primeiros meses de vida, da criança, assim como, nos anos iniciais da vida escolar, avalizando o grande progresso no ensino-aprendizagem dos conteúdos ensinados pelo professor.

De acordo com MUSSKOPF (2005), há padrões estereotipados de amizade que nos ajudam a apreender informações precisas sobre a bondade e a estabelecer relações mais verdadeiras. Sendo assim, a maior intimidade atribuída às amizades entre mulheres e homens é um artifício admirável para todos os nossos relacionamentos. Uma sincera amizade sugere confiança e respeito, inspira dar sem almejar nada em troca e receber sem se sentir na obrigação de dar algo em troca. Resumindo, amizade exprime lealdade e carinho.

A primeira parte expõe sobre o valor do afeto na interação entre o professor e o aluno, como também um breve relato sobre o afeto no processo de ensino aprendizagem. A segunda parte explana sobre a interação e agressividade, trazendo também uma breve abordagem sobre a família e a escola como uma relação

indispensável, como também, a importância da família do amor da participação e interação. A terceira parte aborda a função dos educadores na disciplina dos educandos, focando, no entanto, nossa juventude e suas relações afetivas.

1 O VALOR DO AFETO NA INTERAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

BELLAGUARDA (2012), acredita que é indispensável ter um acordo com educador, de que não é suficiente educar apenas para afetividade, é necessário aperfeiçoar na afetividade. Isso sugere uma nova práxis, de maneira que o professor que não sabe para que educa e por que educa acaba repetindo a educação tradicional que dá privilégio à razão em detrimento do anseio. Para o educador consciente da seriedade da afetividade na construção do conhecimento de seus alunos, toda ação torna-se uma ação para transformação.

Para BARBOSA (2011), o processo ensino-aprendizagem envolve atuações unidas entre o professor e o aluno, onde certamente facilitará a assimilação dos conteúdos e das técnicas, para que possa aplicá-los de forma autônoma e criativa nas diversas circunstâncias do cotidiano escolar e da vida pessoal. O ato de instruir e aprender não se pauta somente no educador passar a disciplina e o aluno automaticamente reproduzir mecanicamente o que “absorveu”. Focando ainda sobre o assunto, o autor diz que:

Em um contexto onde há o estímulo às atividades diversificadas, à curiosidade, a iniciativa e o desenvolvimento de capacidades, resultarão em um ambiente onde, tanto professor como seus alunos, ambos estarão cientes de suas responsabilidades. Desse modo, a escola deve conceber-se como um local, um tempo e um contexto, visando à formação que vai além da representação física, e tornando-se uma concepção de formação com relacionamento interpessoal. A escola pela qual se busca lutar hoje se deve ter como pressuposto principal o desenvolvimento cultural e científico do cidadão, preparando as crianças, adolescentes e jovens para a vida, para o trabalho e para a cidadania, através de uma educação geral, intelectual e profissional (BARBOSA, 2011).

Nós educadores, devemos ter consciência de nosso compromisso como mediador do conhecimento. Começando pelo espaço da sala de aula, que sem dúvida deverá estar sempre convidativo (decorado com motivos alegres e adequado à faixa etária do aluno), evitando que este espaço seja “limpo”, (sem nada nas paredes e tetos), sem nenhum motivo que atraia a atenção da criançada. Uma sala decorada, com ilustrações coloridas é um bom convite para o público escolar querer entrar, mesmo sem ser convidado. Até nós adultos gostamos de frequentar locais bonitos e cheios de motivos encantadores, imagina as crianças. Um ambiente assim deixará o aluno com vontade de estudar e aprender cada vez mais.

Agora, imagina este espaço decorado, com uma professora te esperando, com um largo sorriso estampado na face e os braços abertos para um abraço carinhoso. É formidável! Torna-se para a criança o dia mais feliz de sua vida escolar, ou se não o mais feliz, pelo menos foi marcante. Ele sempre irá lembrar-se deste momento, onde a professora ou o professor estava lá, contente pela chegada de seus pequeninos e não de “cara fechada”, ou preocupados com o número de alunos que entraria naquela turma.

Para MIRANDA (2008), as interações entre professor e alunos devem aprofundar-se mediante a ação pedagógica. A relação professor-aluno concebe o momento de encontro e convivência entre educadores e educando que se interagindo formam o centro do processo educativo. Delimitar o campo de ação da relação professor-aluno no procedimento de ensino é um pouco complexo de fazer-se, visto a difícil ligação que há entre os dois, devido ao seu grau de aproximação, o que fará um grande bem ao desenvolvimento do ensino aprendizagem, aprofundando no campo da atuação pedagógica.

Durante toda a infância, um dos principais vetores do desenvolvimento, tanto psicológico, cognitivo, como social, é a afetividade. O afeto, indiscutivelmente, está entre as necessidades que precisamos suprir para a garantia da sobrevivência, da vivência e da convivência humana.

Em nossa prática, temos constatado que o encontro afetivo entre o adulto e a criança, dependendo de sua qualidade e ajuste, ajuda a criança a se sentir inteira emocionalmente e estimula seu percurso rumo à maturidade de forma construtiva para si e para os outros.

Mediante as pesquisas realizadas, BELLAGUARDA (2012), comenta que todo ser humano é movido pelo afeto. Ele sente o afeto tanto por subsídios exteriores como o olhar do outro, um elemento que chama a atenção, um comunicado que recebe do meio, quanto por percepções interiores assim como o medo, a tristeza, a alegria, a fome. Essa qualidade humana é denominada de afetividade e é decisiva para o desenvolvimento, especialmente da criança. Veja o que retrata o autor abaixo:

Na atualidade, nos chama a atenção a carência afetiva vivida pelo ser humano, e o número crescente de crianças que apresentam atraso simultâneo no desenvolvimento de funções básicas, socialização e

comunicação. O fracasso em desenvolver relacionamentos com seus pares, falta de reciprocidade social ou emocional, atraso ou ausência de linguagem falada, fracasso em iniciar ou manter uma conversa, uso estereotipado e repetitivo da linguagem, ausência de jogos variados de faz-de-conta, padrões repetitivos e estereotipados de comportamento, incluindo maneirismos e estereotipias motoras. Os transtornos invasivos do desenvolvimento tais como o autismo, síndrome de Asperger, transtorno desintegrativo da infância (síndrome de Heller), transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação, que também é conhecido como autismo atípico, são diagnósticos frequentes de crianças na atualidade (BELLAGUARDA, 2012, p. 02).

Para MORGADO (1995),

É indispensável que o campo de transferência da inclusão pedagógica torne-se progressivamente ultrapassado por modernos apoios de conservação e, assim sendo, o professor deverá trabalhar para que seu aluno progrida intelectualmente e não para que se converta em um filho ideal; o aluno trabalhará para aprender e não para conquistar o amor ou a hostilidade do professor. (p.113).

Por isso, para que possa cumprir sua função de mediador, deve dar importância aos sentimentos transferências que o aluno lhe dirige, sem, no entanto corresponder a eles.

Andréia Catarina da Silva destaca em seu artigo intitulado *“Relação professor aluno: uma reflexão dos problemas educacionais”*, que:

Ser professor não constitui uma tarefa simples, ao contrário, é uma tarefa que requer amor e habilidade. Como bem destaca RODRIGUES (1997), o educador não é simplesmente aquele que transmite um tipo de saber para seus alunos, como um simples repassador de conhecimentos. O papel do educador é bem mais amplo, ultrapassando esta mera transmissão de conhecimentos. Vale questionar: como educar nossos alunos em uma sociedade onde a ética e o moral parecem estar em crise? Alguns valores, antes tão discutíveis, já não são mais importantes e outros parecem estar em voga, e assustam alguns segmentos da sociedade. Dentro de sala de aula, o que se verifica, na maioria das vezes, é o estabelecimento de regras disciplinares de modo arbitrário. Além disso, pode-se perceber a não explicitação dessas regras, e que as exigências de seu cumprimento são feitas com base em ameaças e punições, o que pode provocar reações conformistas ou de resistência, ou seja, a aceitação como forma de adestramento ou a indisciplina. De fato, não se pode negar que a autoridade é construída e precisa ser aceita; ela não torna os educandos inferiores, mas, dá as suas vidas um sentido mais seguro de caminhada e conquista. Assim, a autoridade de fato é sempre responsável, enquanto que a de direito só poderá sê-lo por coincidência. Cabe ao professor, em seu relacionamento com o alunado, dialogar e manter com ele uma afetividade, auxiliando o educando a ir reconhecendo que sua vida é diferenciada, tanto em coisas intransformáveis quanto em coisas que podem e devem ser modificadas. (SILVA; SANTOS, 2002, p.05).

Nós educadores precisamos entender nossos alunos e seu mundo que o cerca. Porém, avaliar esse aluno atenta em ter disposição para cuidá-lo com amor e dedicação. Compete a nós professores averiguar mais sobre esse aluno e, ao longo de sua formação, não deixar que esse educando acumule fúrias. Atualmente,

sabemos que a intelectualidade anda unida com a afetividade. Ponderando esses temas debatidos, o relacionamento entre professor e aluno precisa ser de ternura, de consideração, de troca de solidariedade, não permitindo de modo algum ser um lugar onde inspira agressão e espalhe o temor e a ira no conjunto de sala de aula. A nossa prática pedagógica deve consecutivamente primar pelo bem estar do nosso estudante. Quando esta ação tornar verdadeiramente compreendida, automaticamente entendemos a força que possui nosso trabalho de educar para a escola e também para a vida. Desta maneira, muitos alunos aprenderão as lições com mais facilidade e prazer e, também muitos professores marcarão uma passagem inesquecível na vida destas crianças.

1.1 INFLUÊNCIAS DO AFETO NO PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM

Primeiramente, nós educadores devemos considerar que estamos trabalhando com uma heterogeneidade, ou seja, com crianças e adolescentes de classes sociais diversas e vindas de um recinto completamente distinto, onde não são submetidos à exigências ou qualquer outro tipo de encargos, onde grande parte do seu tempo era ocupado com brincadeiras, provocando de início reações conflitantes e ainda provável rejeição a esse novo estilo de vida.

Por esta razão devemos ter um carinho especial ao organizar o espaço, como também, o modo de receber esta clientela, ratificando que apesar de estar sendo envolvido num espaço repleto de novidades, certamente vai perceber-se como um ser pronto para encarar o novo mundo com muito carinho. Encontrará muitas pessoas interessadas em compartilhar experiências, e preocupadas com a sua aprendizagem.

Educar não é somente conduzir informações relacionadas aos conteúdos estabelecidos, mas sim, oferecer condições para o aluno aprender, buscando suas próprias verdades, para que isso aconteça, devemos fazer uso de diversos meios como o afeto para que o aluno tenha um desejo prazeroso pela busca do conhecimento. É fundamental o professor conseguir desenvolver uma boa aula, transformando-a em uma experiência enriquecedora a qual vai deixar marcas positivas na vida do educando.

Reforçando este parecer, CUNHA ainda diz que:

Em qualquer circunstância, o primeiro caminho para a conquista da atenção do aprendiz é o afeto. Ele é um meio facilitador para a educação. Irrompe em lugares que, muitas vezes, estão fechados às possibilidades acadêmicas. Considerando o nível de dispersão, conflitos familiares e pessoais e até comportamentos agressivos na escola hoje em dia, seria difícil encontrar algum outro mecanismo de auxílio ao professor mais eficaz (2008, p.51).

Essas investigações levam-nos a meditar a respeito da relação afetiva entre professor e aluno, e as consequências desse afeto no processo de ensino-aprendizagem.

Atualmente vivemos a procura da magia, ou seja, algo que nos indique a porta certa da sabedoria, aquela que permita-nos não só instruir nossos alunos, mas também fazer com que eles sintam prazer pelo ato de estudar continuamente e não somente nos dias de avaliações e/ou verificações de aprendizagem.

Geralmente nós professores debatemos sobre o que devemos fazer para que as crianças aprendam realmente os conteúdos programáticos, qual a forma correta de ensinar ou ainda, quais métodos devemos utilizar. Contudo, vagamo-nos de algo extremamente importante que é o incentivo, que sem dúvida, é fundamental. Pois, sem motivação, nossas crianças e adolescentes, nossa clientela não terá vontade de buscar e/ou partilhar o aprendizado com veemência. Desta forma, chegamos à sala de aula sem preocuparmos com a necessidade de cada ser.

Preocupados com essa situação aprofundamos nossos estudos para encontrar possíveis soluções, no intuito de ampliar o desenvolvimento afetivo e cognitivo que ocorre na trajetória da vida escolar e cotidiana desses pequenos e grandes estudantes.

Conforme FORTUNA (2007), são os vínculos afetivos que possibilitam a relação transferencial, tão exaltada pela psicanálise, respondendo por converter o desejo de ensinar e o desejo de aprender em conhecimento, através da autorização mútua que se opera entre sujeitos que ensinam e aprendem. Afinal, um conteúdo aprendido só faz sentido para alguém caso esse conteúdo relacione-se com sua verdade inconsciente, com um saber prévio. Pois, do professor também se espera o domínio de seus afetos, na forma de consciência de sentimentos, tais como simpatia ou ampatia, identificação, admiração ou desprezo, e sua canalização positiva, a serviço de bem ensinar.

As aptidões do professor estão ligadas aos novos padrões sugeridos para a escola, que ultimamente é percebida como um estabelecimento que possua objetivos a serem atingidos. E nós educadores, como atores sociais, engajamos nesse novo modelo, o qual exige a nossa atuação como profissionais capazes de realizar transformações precisas.

FREIRE (1996, p. 96, apud. BARBOSA, 2011), assinala que:

O bom professor é aquele que consegue através da fala trazer o aluno até a familiaridade do seu pensamento. Sua aula é, no entanto, um desafio e não uma canção de ninar. Seus alunos cansam e não dormem. Cansam porque seguem as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas paradas, seus equívocos, suas dúvidas.

Portanto, precisamos ter em mente experiência e aptidão no que desejamos realizar. Precisamos assumir nossa função de destaque na sociedade onde atuamos, e estarmos preparados para atuarmos na criação de uma nova cultura na sala de aula e assim fazer da escola uma passagem para um novo mundo, com uma visão mais humanística, repleta de atenção e afeto, pois, a relação professor aluno é fundamental para que a aprendizagem ocorra com muito sucesso e agilidade.

Nós educadores, precisamos entender os nossos alunos e o mundo que o cerca. Pois, é de fundamental importância que saibamos valorizar esse universo que é tão eficaz para o nosso cotidiano profissional.

Para TASSONI (2000), KLEIN (1996), defende que o objeto de conhecimento não existe fora das relações humanas. *“De fato, para chegar ao objeto, é necessário que o sujeito entre em relação com outros sujeitos que estão, pela função social que lhe atribuem, constituindo esse objeto enquanto tal”* (p. 94). Nesse sentido, são as relações humanas que formam a essência do objeto de conhecimento, pois este só existe a partir de seu uso social. Portanto, é a partir de um intenso processo de interação com o meio social, através da mediação feita pelo outro, que se dá a apropriação dos objetos culturais. É através dessa mediação que o objeto de conhecimento ganha significado e sentido.

Na verdade, são as experiências vivenciadas com outras pessoas é que irão marcar e conferir aos objetos um sentido afetivo, determinando, dessa forma, a qualidade do objeto internalizado. Nesse sentido, pode-se supor que, no processo

de internalização, estão envolvidos não só os aspectos cognitivos, mas também os afetivos. Assim, abre-se um espaço para investigações científicas abordando a influência dos aspectos afetivos no processo de aprendizagem.

A relação afetiva, segundo TASSONI (2000), assinala o ato de ensinar e aprender decorre mediante a união das pessoas e começa no seio da família, pois é através da afetividade que a criança chama a atenção do adulto, expressando desta forma seus desejos e os cuidados de que precisa. Consequentemente, é o vínculo afetivo formado entre o adulto e a criança que apoia a fase inicial do procedimento de aprendizagem. Este ato é essencial nos primeiros meses de vida, da criança, assim como, nos primeiros anos escolares do estudante, garantindo o sucesso na aprendizagem de todo e qualquer conteúdo ministrado pelo educador.

WALLON (1978, apud TASSONI (2000, p. 03), expõe que é a partir da relação com o outro, nos anos iniciais, que a criança vai obtendo ingresso ao universo simbólico e, desta forma, atraindo avanços significativos no campo cognitivo. No entanto, para a criança, torna-se essencial a ação da afetividade, que primeiramente depara na afinidade pai-mãe-filho-irmãos. No transcurso do desenvolvimento, os vínculos afetivos vão expandindo e a imagem do professor nasce com grande valor na inclusão de ensino e aprendizagem.

Toda e qualquer aprendizagem está carregada de cordialidade, já que advém a fragmentar as influências sociais, num artifício conectado. Pensando, designadamente, no desempenho escolar, o acordo que se estabelece entre estudantes, educadores, conteúdos, livros, grafias, produções etc.

Para TASSONI (2000), tais fatos, não ocorrem simplesmente no campo cognitivo, mas também nos afetivos, influenciando os aspectos afetivos no procedimento de ensino-aprendizagem.

A afinidade que diferencia o ensinar e o aprender decorrem mediante os vínculos entre as pessoas e principia no recinto familiar. O fundamento desta afinidade atrelada é afetivo, pois é ocorre a partir de um diálogo emocional que a criança desde o nascimento movimenta o adulto, assegurando-lhe desta forma os cuidados necessários. Por conseguinte, é o vínculo afetivo formado entre o adulto e a criança que mantém a etapa inicial do processo de aprendizagem.

Os experimentos vivenciados em sala de aula ocorrem, geralmente, entre as pessoas envolvidas, no plano exterior (interpessoal). Através da interferência, elas vão se internalizando (intrapessoal), recebem autonomia e passam a fazer parte da história pessoal. Esses experimentos também são afetivos.

Em se tratando de afetividade, TASSONI (2000), relata sobre a existência de uma grande dissensão quanto ao conceito do termo “Afetividade”. Literalmente encontra-se, o emprego dos termos afeto, emoção e sentimento, visivelmente como sinônimos. Contudo, na maioria das vezes, o termo emoção está relacionado ao elemento biológico da conduta do ser humano. Termos mantidos do original em espanhol, denotando, simultaneamente, quem ensina e quem analisa, mencionando a uma alteração, de ordem física. Uma vez que a afetividade é utilizada com uma definição mais extensa, citando-se às experiências das pessoas e às maneiras de esclarecimento mais complicadas e necessariamente afetuosas.

Segundo FREYTAG, apud DIAS; FARIA (2009), viver em sociedade poderia ser sinônimo de bem-estar social, um processo natural da vida. No entanto, vive-se um universo permeado de conceitos e valores desconstruídos na constituição e organização dos poderes legítimos dos seres humanos. Um fato analógico, se pensar a existência humana como determinante social. Essa visão bifurcada das relações sociais emerge no retrato da protagonista Zaroia. Limitada física e socialmente, vive constantes conflitos junto a sua colônia de saúvas, devido à fragilidade do grupo e conservação da hegemonia de outros estratos, conforme citação abaixo de um breve relato da obra da jornalista Maria da Paz Sabino, do município de Sinop, Mato Grosso. Obra esta que apresenta como protagonista a formiguinha Zaroia:

[...] Em várias circunstâncias, sofreu perseguições com ataques de predadores ao seu formigueiro, dos quais participaram seu Norberto, o sapo Leleu, crianças famintas. É uma formiga sábia, tem sonhos e objetivos. Não projeta sua vida a partir de si, mas visualiza a coletividade. Luta pelo que acredita. Almeja terra fértil sem predadores onde possa viver com a colônia de saúvas. Zaroia tem uma amiga, Bico Fino, que se fez presente em todos os momentos de festas e principalmente quando não conseguia visualizar expectativas diante dos fatos. É uma cigarra. Na literatura clássica elas são inimigas, enquanto um a trabalha a outra é preguiçosa, vive a cantar. Já em Sabino elas se unem e se complementam. É uma amizade sincera e verdadeira. Zaroia, uma operária que se transforma em tanajura e finalmente em rainha, apaixona-se por Tibe que pertencera a uma colônia rival. Zaroia convence sua família a aceitá-lo. Eles casam-se, mas não conseguem viver o grande amor por muito tempo, ele morre junto com outras milhares de saúvas. Apesar da liderança e alegria de Zaroia diante

das saúvas, ela teve momentos de crises e desalentos, chegou a simular loucura para conseguir se aposentar, porque os desencontros e as derrotas a deixaram sensibilizada e fragilizada. Uma dor diante da incompreensão, mas com a ajuda da amiga Bico Fino se recompõe e deixa a clínica psiquiátrica. As amigas vão embaixo do Juazeiro (DIAS; FARIAS, 2009, p. 253).

Para FREYTAG (2009), mediante o discorrer dos fatos relatados, a formiga Zaroia mora nas propriedades do campesino Norberto, para ela um procedimento cômodo das formigas. Caso que não se resume à tradição do capital, visto que as terras e a lavoura têm donos. Esse desencontro de tradição tenta um tumulto social no Morro dos Ventos. Os habitantes não comungam os mesmos princípios e valores, logo aquilo que deveria ser a junção de duas sociedades desiguais em prol da construção do bem-estar daquela sociedade, torna-se uma batalha revelada. A razão social se extingue perante da ação pelo piso. Vive-se numa terra sem domínio. Cada um se arma com os recursos disponíveis de um lado o campestre organiza um plano estratégico para extinguir as formigas com inseticida por outro lado as formigas se escondem num buraco aguardando a chuva. Em Morro dos Ventos não consegue concorrer em prol de objetivos comuns. Não há acordo, luta-se por méritos afins, que invalidam a possibilidade de uma vida social.

Nós educadores, pais e sociedade em geral, devemos respeitar a verdadeira necessidade que a criança tem em relação ao brincar. Desta forma estaremos ajudando-os a construir a base de uma juventude mais equilibrada e feliz, na oportunidade de favorecer condições de demonstração e transmissão dos próprios anseios.

2 INTERAÇÃO E AGRESSIVIDADE

LUCAS (2007), relata que *“a violência é a problemática central na educação para os direitos humanos e para a Paz.”* No entanto, para que possa ser abordada e mudada, ela precisa ser identificada”. Em seus cinco anos de dedicação aos estudos sobre violência juvenil aprendeu que, apesar de todas as respostas negativas de paz à violência nas escolas, precisamos incluir na mistura uma educação para a paz que seja proativa, pedagógica e transformadora.

Os resultados relativos à paz tão desejada por LUCAS (2007), nunca são suficientes, pois as unidades escolares ficam aprisionadas a um regime de controle de detrimientos. Sabendo que, para obter a tão esperada construção da paz, exige um esforço trabalhoso, uma vez que auxilia os estudantes a compreenderem as principais causas e a visualizarem as possíveis alterações e mudanças, bem como desenvolverem táticas sólidas para converter atos violentos em ações pacificadoras.

Para obter sucesso neste trabalho de pesquisa LUCAS (2007), lançou cinco questionamentos aos jovens estudantes sem objetivos na vida, sem destino, sem amparo, a fim de apaziguar a violência nas escolas: O primeiro visa à identificação dos atos violentos e compara ao estudo de caso da “prostituição na West Side Highway”, de Manhattan U.S.A. Atualmente é necessário descobrir a realidade em que cada um deles vive, pois, em muitos casos, a maioria se prostitui para sobreviverem, o que na realidade é um sério problema que envolve os direitos humanos.

Geralmente, os abusos relacionados aos direitos humanos são vistos como algo que acontece em localidades longínquas, entre as crianças e adolescentes de Rua no Brasil ou a escravidão sexual na Tailândia, pouco identificada como parte do coração de Nova York. Essa situação provoca certa “cegueira” em relação à violação dos direitos humanos que ocorre tanto nas proximidades, quanto longe de casa. Este procedimento requer a iniciativa de alguém com muita coragem, para chamar a atenção desta situação problemática em todo o universo. Todavia, para que tal atitude seja mudada, é necessário antes identificar as causas da mesma e lutar em busca da paz universal, tão sonhada por todos.

O segundo questionamento enfatiza os padrões universais de direitos

humanos, os quais nos proporcionam uma filosofia moral para serem utilizados. Exibe um discurso que nos auxilia a dialogar e a compreender uma determinada situação, como por exemplo, o conjunto legal de normas para criar certos processos e o conjunto de idéias organizadoras que prioriza a compreensão do valor desses direitos e as inter-relações entre todos os padrões de forma holística e ainda acrescenta:

[...] Não é suficiente divulgar o artigo que protege as crianças contra o trabalho perigoso, conservado como relíquia na Convenção sobre os Direitos da Criança (CDC). [...] A longo prazo, essa abordagem no ensino de direitos humanos é mais importante do que o tema propriamente dito de qualquer aula, devido aos muitos temas potenciais que é preciso enfrentar como estudante da educação para a paz e os direitos humanos (LUCAS, 2007,14).

O terceiro questionamento expõe sobre os direitos humanos e a representação, o que atualmente tornou-se uma subdivisão do movimento mais amplo, envolvendo jornalistas, pesquisadores, projetistas de internet e profissionais da mídia visual. Conforme Lucas, nunca se teve tantos livros e narrativas sobre direitos humanos, além de filmes de ficção e documentários.

Conforme LUCAS, (2007), a resposta é o quarto questionamento, no qual as pessoas respondem em movimentos sociais e na sociedade civil como defensoras, ativistas e profissionais de direitos humanos. Em Nova York, a resposta aos jovens junto à margem do rio poderia ser uma ação comunitária ou luta política também em torno das diversas questões, como propostas de moradia. Há muitas possibilidades de participação da sociedade no intuito de cooperar com os direitos humanos:

A prefeitura e a polícia poderiam responder. Advogados poderiam ser envolvidos para misturar os crimes cometidos ou proteger as liberdades individuais. Especialistas no combate ao HIV poderiam atuar nos molhes à noite. Organizações religiosas poderiam fornecer refeições gratuitas. Organizações não-governamentais (ONGs) concentradas na falta de moradia poderiam criar campanhas para o direito a moradia ou oferecer cursos profissionalizantes como alternativas para os jovens. As respostas possíveis para cada situação são muitas. Se houver um órgão de liderança progressista, tal como a Coaliton for the Homeless in New York, uma rede de organizações populares e sem fins lucrativos poderia ser criada, em um esforço conjunto para encontrar soluções para o problema (LUCAS, 2007, 15).

A última categoria é a educação com uma ampla vertente. A referida educação acontece tanto por intermédio do ensino formal quanto por meio de redes de ONGs informais, as quais trabalham com iniciativas educacionais. A educação inclui, no entanto a disseminação de informações sobre direitos humanos que,

atualmente acontece na internet.

Conforme LUCAS (2007), o desafio para o educador da paz é estabelecer uma estrutura de aprendizagem e, ao mesmo tempo, dar espaço para que os alunos descubram e discutam suas próprias experiências. Ele comenta ainda que sua metodologia de ensino foi fortemente influenciado pelas obras do educador e escritor Paulo Freire.

Mediante um estudo que realizei num artigo de Maria Auxiliadora DESSEN, publicado em 2007, obtive várias informações interessantes sobre a interação e o comportamento das crianças no âmbito familiar. Espaço este onde a criança deve receber todo apoio e atenção dos pais e familiares para obter sucesso nos estudos e em tudo que faz no seu cotidiano.

DESSSEN (2007), esclarece que no ambiente familiar, a criança aprende a conduzir e resolver os conflitos, a expressar e controlar os seus sentimentos e anseios, como também, a lidar com as distinções e desventuras da vida cotidiana. Todas essas disposições e maneira de demonstração, primeiramente desenvolvidas no seio familiar, repercutem em outros espaços com os quais a criança, e todo qualquer ser humano interagem. Desta forma, atualmente, a família não é mais vista como algo privado de relações. Muito pelo contrário, as atividades tanto individuais, quanto coletivas permanecem fortemente vinculadas e influenciam-se reciprocamente. É importante saber que geralmente a família também é uma das principais responsáveis pela educação e transmissão de valores culturais de uma geração para outra, possibilitando compartilhar as possíveis regras perspectivas e padrões de relacionamentos, de maneira a expandir e variar as experiências adquiridas em todo o processo de convivência. A autora reforça a importância da participação da família no bom desempenho de suas funções para que a criança cresça com harmonia e segurança:

Ao desempenhar suas funções, dentre as quais a socialização da criança, a família estabelece uma estrutura mínima de atividades e relações em que os papéis de mãe, pai, filho, irmão, esposa, marido, e outros são evidenciados. Todavia, a formação dos vínculos afetivos não é imutável, pelo contrário, ela vai se diferenciando e progredindo mediante as modificações do próprio desenvolvimento da pessoa, as demandas sociais e as transformações sofridas pelo grupo sócio-cultural. (KREPPENER, 2000, in: DESSEN 2007, p. 24).

O advogado e assessor de movimentos populares, de Porto Alegre, RS, Jacques Alfonsin (2006), relata sobre o exagero das leis existente no nosso país, que muitas vezes ocupa o espaço da solidariedade e do amor. Em síntese, todas as leis expressam na realidade que nós seres humanos, ainda não aprendemos a nos amar, nem a respeitar o próximo, daí então, surge a necessidade de uma autoridade, com poder de obrigar-nos a nos comportarmos de maneira que esteja correto, favorável à determinada Lei.

Conforme ALFONSIN (2006), já se passaram vinte séculos e, até o momento, nenhuma das diversas Leis estabelecidas, provou que tivera o poder de apaziguar ou suprir a carência de amor entre as pessoas. Pois, as Leis hoje, protegem muito a liberdade econômica, deixando de lado a liberdade social e, nossos jovens precisam ter noção e acreditar que tudo tem limite, assim como a liberdade, seu limite é a responsabilidade. Todavia, sabemos que acontece o inverso, onde o sistema capitalista do “Ter”, que não tem limite. E desta forma a liberdade do “Ter”, acaba comprimindo a liberdade do “Ser”, transformando a juventude em “donos do mundo”, egoístas, traidores, gananciosos, assassinos... Destruidores da natureza e da humanidade. Diante dessas situações, os jovens devem raciocinar mediante uma lei que está na sua consciência:

Ao invés de se perguntar “que regra eu devo seguir”, deve se perguntar “como eu devo viver?”. Porque, a regra que eu devo viver, muitas vezes, é uma abstração. Agora, “como eu devo viver”, isto eu respondo desde que me acordo até a hora de dormir... Como tratar meu próximo? Hoje, o nome dos direitos humanos é alteridade, é o respeito que tenho pelas outras pessoas (ALFONSIN, 2006, p. 2).

Para SCHEMES (2011), a mediação escolar é uma constituição cultural, conseqüentemente não pode ser situada na escola por um único professor, mas mediante conversação contínua e a preparação de todos os interessados da comunidade escolar. É um trabalho que sugere a participação coletiva de todo a equipe de profissionais da unidade escolar, todos, sem restrição, devem estar habilitados em intercessão no transcorrer dessa construção. Esta é uma maneira correta de conviver sem conflitos. Acrescenta ainda o autor:

O conflito se estabelece quando queremos que o outro aceite a nossa vontade, quando um não abre mão de impor a outro suas vontades e seus pensamentos. A mediação na resolução de conflitos é um desafio e uma cultura que ainda precisa ser muito discutida para ser implementada na educação brasileira (SCHEMES, 2011, p.5).

Para que todos possam dar respostas aos conflitos é necessário que pratiquem a mediação, que é uma cultura que beneficia a todos. Pois, ela funciona como uma resolução de situações conflitantes dentro da escola, sem apontar culpados, e sim responsáveis, onde todos saem vencedores.

Para iniciar a resolução de um conflito é fundamental que se obtenha a informação precisa sobre cada situação, para que os envolvidos saibam tomar as decisões certas. A pessoa que media o caso deve possibilitar que deixem as fantasias e partem da realidade para criarem opções diversificadas. Desta forma, os conflitantes vão buscando auxílio um com o outro e, de maneira incentivadora eles são motivados a se comprometerem na busca da solução dos possíveis obstáculos encontrados no decorrer da trajetória, sem medo e com determinação, a responsabilidade entre todos os envolvidos, promovendo assim a cooperação e expressando suas emoções. SCHEMES (2011), acrescenta ainda as sete funções do mediador:

- 1) Acolher sem pré-julgamentos ou preconceitos;
- 2) Ganhar a confiança por meio da imparcialidade;
- 3) Introduzir o respeito, mais pelo exemplo pessoal do que pela hierarquia;
- 4) Conseguir cooperação eliminando disputas;
- 5) Promover a criatividade na resolução do conflito e solução do mesmo;
- 6) Capacitar em administração de conflitos;
- 7) Promover a corresponsabilidade entre as partes envolvidas e não a culpabilidade (SCHEMES, 2011, p.5).

2.1 A FAMÍLIA E A ESCOLA, UMA RELAÇÃO INDISPENSÁVEL

A família e a escola são dois segmentos inseparáveis, pois ambas devem ser colaboradoras no processo de aprendizagem dos nossos educandos, onde encontramos uma das maneiras mais eficazes de obtermos resultados positivos no campo escolar.

Para PAGOTO (2006), a família é a primeira figura ensinante, onde o aluno aprende e se relacionar com o objeto de conhecimento, cuja marca fica registrada. Trabalhar com a família hoje é buscar lidar com a diversidade das mesmas, pois temos famílias de todos os tipos possíveis: Famílias ditas “perfeitas”, intactas, famílias separadas, reconstruídas, formadas por casais homossexuais, com filhos

adotivos, com filhos criados por avós, entre tantos outros tipos.

Para o autor, a maioria das famílias pensa que a escola é a continuação do lar e cobra o que é de sua função. Todavia, mediante tantas mudanças da estrutura familiar os pais deixam a desejar a educação de seus filhos, apontando só os defeitos e punindo-os severamente, outros são superprotetores, fechando as portas dos sonhos de seus próprios filhos, tornando-os incapazes de buscar a realização de seus desejos, causando assim, a desestimulação de uma busca incansável e valorosa.

Muitas vezes a escola também erra em relação ao processo de ensino aprendizagem dos alunos, não consegue perceber a importância de seu papel na vida desses estudantes e disfarça, punindo-os e depositando toda a culpa nos pais e/ou familiares pelo fracasso dos mesmos. Por isso, é fundamental recorrermos aos diálogos e as parcerias com a família e profissionais habilitados a lidarem com as diversas situações referentes ao desempenho da aprendizagem destes pequenos e grandes seres estudantes, assim como possíveis problemas de aprendizagem, o que é muito comum hoje nas salas de aula da maioria das escolas públicas brasileiras. Precisamos correr contra o tempo e auxiliar nossa clientela a terem condições de buscar o sucesso que tanto anseiam. Lembrando que segundo PAGOTO, (2006):

Família e escola dividem funções importantíssimas, no que se refere a instruir e educar as crianças e jovens, compartilhando conhecimentos e, principalmente, valores. Por vezes, uma delega a outra tais responsabilidades e deixa o aluno sem direção a seguir. Para dar certo, a escola precisa compreender o funcionamento da família e esta, por sua vez, deve se interessar pelo desempenho e pelas atitudes dos filhos. (p.11).

2.2 A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA: AMOR, PARTICIPAÇÃO E INTERAÇÃO

BELLINI (2012), alerta para a preocupação de nossa sociedade atual, onde muitos pais abandonam seus filhos à própria sorte. No entanto, este não é a maneira mais sensata de manter os valores afetivos e a vivência de nossas crianças e jovens. Nem sempre acertamos, mas podemos conseguir uma forma sábia que nos consinta obter acertos precisos.

Para a autora, quando nós educadores, falamos de família com nossos

alunos, devemos ter cuidados especiais em relação ao tema, pois, eles podem pensar que estamos incumbidos de moralismo. Isso não é função nossa, até porque muitos pais e responsáveis estão deixando seus filhos de lado para irem à busca alucinada por mais trabalho, para ganharem mais dinheiro. E o pior é que na maioria dos casos entregam seus filhos para serem educados pelos vizinhos, pela TV, ou ainda deixam decidirem só o que precisam fazer perante dos desafios da vida.

A família, independente de sua constituição, é fundamental que haja alguém para cuidar e amparar suas crianças e jovens, para que adquiram o hábito de viverem em sociedade. Muitos atribuem a educação dos filhos ao mundo, o que é muito perigoso. Nem a escola, nem o mundo substituem o amor e a educação familiar. Essa tarefa é exclusivamente da família que ama seus dependentes. É possível dividir esta tarefa, mas jamais abandonar o ato de cuidar e amar nossos filhos e filhas.

Conforme SARMENTO (2011), nós somos matéria bruta que aos poucos transformamo-nos em obras de arte, a partir de nossos relacionamentos com as pessoas. Temos responsabilidades sobre aqueles que fazem parte de nossas relações cotidianas, pois nesta jornada ora somos moldados como esculturas, ora somos artesões. Sendo assim, juntos buscamos e damos os significados a tudo que rodeia e, essa é a grande riqueza da nossa caminhada. Confirma ainda a autora:

Relacionamentos têm poder de revelar verdades profundas e abrir caminhos. Interação com o outro é processo de autoconhecimento, pois faz emergir o que há de mais profundo em nós. E quanto mais duradouro é o relacionamento, mais conhecemos nossas belezas e mazelas, pois quem está ao nosso lado tem o poder de revelar nossos significados, embora só recebamos de braços abertos os significados que nos parecem belos. Quando através do outro percebemos a feiúra do nosso ser, costumamos vestir nossas armaduras e criar os mais altos muros para não permitir a aproximação de quem nos revela a nós mesmos. Somos o tempo todo instigados a ser perfeitos e esconder nossas feiúras [...] As relações parecem líquidas porque não temos percebido as pessoas como território divino. Nessa nossa sociedade, em que tudo é solúvel, adequável, moldável e evapora facilmente, há uma grande fragilidade nas relações afetivas [...] (SARMENTO, 2011, p.20).

Na escola em que trabalhamos, devemos manter um relacionamento amigável com nossos alunos e com todas as pessoas que estão inseridas na comunidade escolar, para que haja um enriquecimento e um aprendizado de qualidade. Para tanto, necessitamos envolver pais, alunos e todos os profissionais da educação no processo de ensino aprendizagem, garantindo assim, sucesso no desenvolver das práticas educacionais. Pois de “cara amarrada”, ninguém aprende

com prazer. É preciso simpatia, sorrisos estampados na nossa face para obtermos um resultado positivo.

CAPÍTULO III

A FUNÇÃO DOS EDUCADORES NA DISCIPLINA DOS EDUCANDOS

Para REGO (2007), são frequentes os atos de indisciplina na escola e os educadores percebem tais atos como algo natural devido as mudanças tecnológicas do Brasil e do mundo. Para a maioria isso é visto como reflexos da pobreza e da violência presentes na sociedade e vem sendo estimulada pelos meios de comunicação. Desta forma, a escola sente-se sem forças para enfrentar tal situação, principalmente frente aos alunos desprovidos de uma vida digna, o que para muitos, o problema de indisciplina dos alunos é culpa da família, que falhou na educação de seus filhos. Outros já vêem este problema como fatores relacionados à personalidade de cada ser, que são definidos desde o nascimento. Observa o que relata a autora sobre esta mesma situação:

[...] Uma outra maneira de justificar a indisciplina na escola bastante presente no meio educacional é a tentativa de associar o comportamento indisciplinado a alguns “traços inerentes” à adolescência, como rebeldia, passividade, intransigência, incapacidade de cooperação, agressividade entre outros. Profissionais da educação (diretores, coordenadores, técnicos, etc.) e muitos pais, quando provocados a analisar as possíveis causas da incidência desse comportamento nas escolas, muitas vezes acabam por atribuir a responsabilidade ao professor. Nessa ótica, a origem da indisciplina está relacionada exclusivamente à falta de autoridade do professor, de seu poder de controle e aplicação de sanções. O problema parece reduzir-se à presença de maior ou menor “pulso” para administrar e controlar a turma de alunos, assim como aplicar medidas punitivas mais ou menos rigorosas. Nem é preciso ressaltar que, nesse caso, a idéia de autoridade confunde-se com autoritarismo. (REGO, 2007, 22).

Conforme REGO (2007), pesquisas recentes mostram que o comportamento indisciplinados dos seres humanos depende de suas vivências cotidianas, de suas histórias educativas, que provavelmente terá sempre relações com o grupo social ao qual convive. A autora relata ainda que, ninguém nasce rebelde ou disciplinado, portanto, não há possibilidade de determinar um comportamento padrão e universal para cada fase da vida humana. Todavia, tais comportamentos não são resultados considerados isolados, como por exemplo: culpa da família, da escola, da sociedade, da influência da mídia, etc., mas, sim a multiplicidade de diversos fatores que acarretam sobre a criança, no decorrer de seu percurso. Desta maneira, mediante estudos comprovados por muitos estudiosos, o bom ou o mau comportamento são aprendidos. Pois, como diz o professor José Cavalcanti,

Ser professor é antes de tudo, ser aprendiz. É saber que a tarefa de educar não se restringe a repassar conhecimentos científicos que foram sendo adquiridos ao longo da vida escolar. É admitir o processo de ensino-aprendizagem como um momento privilegiado de crescimento mútuo, de socialização de conhecimentos, sejam eles sistematicamente organizados pelo professor, ou da experiência do cotidiano dos alunos. [...] Ser professor é ser pesquisador. É estar sempre indagando e buscando novos caminhos para ajudar com mais eficácia o desenvolvimento das competências cognitivas, afetivas e sócio-culturais dos estudantes. Para isso, o ofício de educar não pode ser visto como um ato estático, mas como algo em constante ampliação [...] Ser professor é ser amigo dos alunos. É percebê-los como pessoas que estão construindo identidade. É indispensável ter consciência de que nosso aluno vai ser aquilo que o ajudarmos a edificar, pois, se ele fracassar, estaremos fracassando com ele; se obtiver sucesso e for um vencedor, seremos com ele vencedores. Ser professor é acima de tudo ser “sonhador” e “otimista”. É acreditar que, apesar dos obstáculos e limitações que permeiam o nosso dia-a-dia, podemos sempre fazer melhor [...] Acreditar que estamos fazendo a nossa parte para que isso aconteça (2006, p.14).

3.1 A NOSSA JUVENTUDE E SUAS RELAÇÕES AFETIVAS

Para RICARDO (2012), os relacionamentos afetivos dos nossos jovens têm sido repletos de conflitos e dúvidas sobre as questões biológicas, como as doenças sexualmente transmissíveis, até mesmo sobre os valores e as posições a serem tomadas quando se depararem com situações semelhantes.

Nessa situação é considerável que as maiores dificuldades estão nas relações afetivas quando encaram a fase da juventude, e que geralmente persistem na fase adulta, mediante as perspectivas que temos em relação ao outro. Desta forma, se nossas perspectivas não forem alcançadas, surgem os conflitos, gerando descontentamentos. Sendo assim, a melhor forma de nos relacionarmos bem com o outro, é nos aceitarmos como somos. É fundamental que saibamos lidar com nossos sentimentos, para que façamos das pessoas que queremos bem, vítimas das relações afetivas mal resolvidas.

MIRANDA (2008), comenta sobre a importância da interação professor-aluno os limites profissionais e escolares, pois é uma relação que envolve sentimentos se deixa marcas para toda a vida. Observamos que a relação professor-aluno, deve consecutivamente procurar a afetividade e a entendimento entre ambos, como base e forma de construção do conhecimento e da aparência emocional. A influência do ensino aprendizagem em sala de aula é assinalada por um tipo exclusivo de relação,

a qual envolve o educador e o aluno através da mediação do saber. É importante ressaltarmos essa postura do professor na relação, afinal, trata-se de um intercessor e não de um possuidor do saber.

VIEIRA (2006), fala das afinidades familiares, que diante dos avanços e das concorrências do mundo contemporâneo, as relações foram dissimuladas fortemente, tornando-se distintas das relações das gerações anteriores. Atualmente, muitos pais têm sérias dificuldades com seus filhos. Pois, os protótipos e normas são fixados pela mídia e pela atualidade. Modelos são estabelecidos como ideias a serem seguidos, perturbados os valores éticos e morais do convívio humano, atrapalhando os relacionamentos familiares.

3.2 A AMIZADE E SEUS PRINCÍPIOS

Conforme MUSSKOPF (2005), algumas das pessoas com quem nos relacionamos, tornam nossas amigas, outras apenas conhecidas. Entre elas há aquelas que consideramos nossas melhores amigas e compartilhamos nossos segredos. Outras desfrutamos de momentos agradáveis, como passeios, caminhadas, encontros na rua, na igreja, na faculdade e outras atividades em conjunto.

Há aqueles amigos verdadeiros que nunca nos desprendemos , mesmo distantes e por mais labirínticos que nos pareça ser os caminhos a trilharmos, sempre damos um jeitinho de se comunicar, de se ver, abraçar e trocar experiências.

O autor comenta sobre a fidelidade das amizades entre homens e mulheres, quem é mais sincero:

[...] As nossas relações de amizade vêm marcadas pelo nosso gênero, pelo fato de sermos homens ou mulheres. Há um estereótipo de que mulheres são “mais amigas” umas das outras do que os homens, entre os quais a amizade se limita a falar de coisas superficiais, sobre a situação no trabalho, o time de futebol, o carro e os bens adquiridos, as namoradas. Esta “maior” amizade entre mulheres também é facilmente deturpada transformando suas conversas e trocas em simples “fofoca” e preocupação com futilidades, enquanto que os homens se preocupam com coisas sérias. Por outro lado, fala-se que os homens são mais fiéis a seus amigos do que as mulheres, rapazes e moças, são vistas com suspeita, pois ainda que homens e mulheres não podem ser “só” amigos. Amizade para homens e mulheres, assim adquire muitas vezes um significado diferenciado, onde determinados limites são impostos por padrões de comportamento e compreensões sobre o que significa ser homem e mulher (MUSSKOPF,

2005, p. 18).

Para MUSSKOPF (2005), estes padrões estereotipados de amizade nos auxiliam a entender dados eficazes da afeição e a situar afinidades mais verdadeiras. Por um lado, a maior intimidade conferida às amizades entre mulheres é um componente respeitável para todas as nossas relações. Intimidade sugere entrega, confiança e respeito mútuos, insinua dar sem ambicionar nada em troca e receber sem se sentir no compromisso de dar alguma coisa em troca. Significa lealdade e companheirismo.

Conforme ISOPPO (2013), o professor pode ser portador de uma grande bagagem de conhecimentos de sua área específica, mas, se não consegue manter uma boa relação com os alunos, poderá se desanimar pelos resultados. Da mesma forma, o aluno que se sente acolhido pelo professor, respeitado e aceito pelo grupo de iguais, emocionalmente aberto para aprender. Pois, uma relação positiva ajuda-nos a crescer em todos os aspectos. Conseguimos ser mais em função do amparo, do afeto, do apoio. É nesse sentido que devemos fazer maiores investimentos ainda mais num período em que o ser humano vive relações perturbadas e as transporta para o interior da escola.

Resumindo então, a amizade é sempre será o começo e o fim de nossas relações. Um início que não estabelece disputas na maneira como nos relacionamos por causa de nossa cor, sexo, raça, costumes ou etnia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho trouxe-me muita inspiração e vontade de continuar lutando pela melhoria do avanço educacional de nosso país, principalmente de nossos pequenos e grandes estudantes, criando assim, uma aproximação contínua, resultando num grande laço de afetividade. Para tal proeza, necessitamos de uma coletânea de estudos e pesquisas e muita disposição para aplicarmos o que almejamos realizar. No entanto, é de suma importância que estejamos preparados para atuarmos na inspiração de uma nova metodologia no cotidiano escolar de modo a transformar a sala de aula num ambiente cativante e desejado, perpetuando atenção e dedicação exclusiva, pois, a relação professor aluno é a base ideal para o destrinchar de um processo de ensino- aprendizagem eficaz .

Nós educadores, precisamos nos preocupar em realizar nossas ações de ensinamentos com dedicação e prazer. Expondo tudo de maravilhoso aos nossos estudantes no momento exato. Tendo sempre em mente que o amor e o afeto devem estar o tempo todo ligados às nossas ações cotidianas, pois, pensar em interação e afetividade na prática educativa, é pensar nos anseios que temos com as disciplinas/conteúdos e com a atitude de conflito existente entre o próprio aluno e o seu professor. Portanto, devemos ter consciência de nosso compromisso como transmissor do conhecimento. Pois, o conhecimento é a única riqueza que ninguém nos rouba.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALFONSIN, Jacques Távora. É preciso abraçar, tocar... excede a lei onde falta o amor. **Mundo Jovem: Um Jornal de Ideias: Sociologia**. Porto Alegre, ano XLIV, Nº 365, abr. 2006. p. 02.

ANDRADE, Maria Célia Milagre. **Afetividade e aprendizagem**: relação professor e aluno. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/afetividade-e-aprendizagem-relacao-professor-e-aluno/35826/>>. Acesso em: 22 maio 2016.

BARBOSA, Rodrigo Fayson Merege. CANALLI. Micaella Paola. **Qual a importância da relação professor-aluno n processo ensino-aprendizagem**. 2011. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd160/a-importancia-da-relacao-professor-aluno.htm>>. Acesso em: 01maio 2016.

BELLAGUARDA, Maria Isabel. **A importância da afetividade para o desenvolvimento da criança na escola**. 2012. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/app/opovo/cienciaesaude/2012/02/18/noticiasjornalcienesaude,2786524/a-importancia-da-afetividade-para-o-desenvolvimento-da-crianca-na-escola.shtml>>. Acesso em: 15 maio 2016.

BELLINI, Marta. Os valores da família: pertencer para aprender. **Mundo Jovem: Um Jornal de Ideias: ocupe o mundo contra a injustiça social: pais e filhos**. Porto Alegre, ano 50, nº 425, abr. 2012, p.20

CAVALCANTI, José Dilson Beserra. Um aprendiz sonhador. **Mundo Jovem: Um Jornal de Ideias/ Educar, uma missão nobre em tempos complicados**. Porto Alegre. R.S, ano XLIV, Nº 371, out. 2006, p. 14.

CUNHA, Antônio Eugênio. **Afeto e aprendizagem, relação de amorosidade e saber na prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

DESCHAMPS, Luciane M. **O papel da escola e do educador dos/nos tempos atuais**. Disponível em: <<http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2012/08/o-papel-da-escola-e-do-educador-dos-nos-tempos-atuais-3848036.html>>. Acesso em: 22 maio 2016.

DIAS, Marieta Prata de Lima; FARIA, Helenice Joviano Roque. (orgs.). **Cultura e identidade: discursos II**. São Paulo: Ensino Profissional, 2009.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. **A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano**. Universidade de Brasília, Distrito Federal, Brasil, 2007. Disponível em: < <http://www.scielo.br>>. Acesso 31 jul. 2012.

DETECÇÃO e estratégias de ajuda. São Paulo: Cultural, S.A, 2009.

FREIRE (1996, p. 96), apud BARBOSA, & CANALLI.. **Qual a importância da relação professor-aluno no processo ensino-aprendizagem?** 2011. Disponível

em: <<http://www.efdeportes.com/efd160/a-importancia-da-relacao-professor-aluno.htm>>. Acesso em: 01 maio 2016.

FREYTAG, Rosane Salete, apud. DIAS, Marieta Prata de Lima; FARIA, Helenice Joviano Roque. **Cultura e identidade: discursos II**. São Paulo: Ensino Profissional, 2009.

FORTUNA, Tânia Ramos. **A dimensão humana da docência: Afeto e trabalho em educação**. Revista Pátio, ano XI, nº 42, p. 9-10, maio/jul. 2007.

ISOPPO, Geni. Juventudes: as ideias para transformar o mundo: aprendendo a ser e a conviver. **Mundo Jovem. Um Jornal de Ideias**. Porto Alegre, ano 51- nº 433, fev. 2013, p. 02.

LUCAS, Peter. Estresse na escola: como sobrevive às tensões do cotidiano. **Pátio: Revista Pedagógica**, Porto Alegre. Ano XI, Nº 42, p. 13-15, maio/jul., FNDE, 2007,

MIRANDA, Elis Dieniffer Soares. **A Influência da relação professor-aluno para o processo de ensino-aprendizagem no contexto afetividade**. 2008. Disponível em: <<http://interacao.info/diversos/Marcia/2013%20-%201%20semestre/ARTIGOS-PEDAGOGIA.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

MORGADO, Maria Aparecida. **Da sedução na relação pedagógica: professor – aluno no embate com afetos inconscientes**. São Paulo: Plexus, 1995.

MUSSKOPF, André Sidnei. A amizade como princípio das relações, **Mundo Jovem: Um Jornal de Ideias: Pais e Filhos Diálogo Possível: psicologia**. Porto Alegre, ano XVIII, Nº 358, jul./2005.p. 18.

PAGOTO, Lucia Ferreira Borges. Uma relação possível e necessária. **Mundo Jovem: Um Jornal de Ideias: Sociologia**. Porto Alegre, ano XLIV, Nº 365, abr. 2006, p. 11.

REGO, Teresa Cristina. O papel dos educadores na indisciplina escolar. **Revista Pátio**, Porto Alegre. R.S, ano XI, nº 42, FNDE, p. 22-24, maio/jul. 2007.

RICARDO, Magda. Juventude e relações afetivas: Rio+20 a natureza não está à venda. **Mundo Jovem: Um Jornal de Ideias: Sociologia**. Porto Alegre, ano 50, nº 427, jun. 2012, p. 21.

SARMENTO, Sandra Soares. A democracia exige o exercício da cidadania: responsabilidade nas relações. **Jornal Mundo Jovem**. Porto Alegre, ano 49, nº 420, set. 2011, p. 20.

SCHEMES, Jorge. A democracia exige o exercício da cidadania: a mediação de conflitos na escola. **Jornal Mundo Jovem. Psicologia**. Porto Alegre, ano 49, Nº 420, set. 2011, p. 05.

SILVA, Roza Maria Santos. **A importância da afetividade na relação professor-aluno.** Disponível em: <<http://www.cedu.ufal.br/Revista/Revista09/rosa.html>>. Acesso em 07 dez. 2011.

SILVA, Andréa Catarina da; SANTOS, Roseane Moreira dos. **Relação professor aluno:** uma reflexão dos problemas educacionais. 2002. Disponível em: <http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/monografias/relacao_professor_aluno>. Acesso em: 09 dez. 2011.

SIQUEIRA, Alessandra Maria de Oliveira, SILVA NETO, Demuniz Diniz da e FLORENCIO, Rutemara. **A importância da afetividade na aprendizagem dos alunos.** Disponível em: <<http://www.faceten.edu.br/Importancia%20da%20afetividade%20na%20aprendizagem.pdf>>. Acesso em: 01 maio 2016.

SOBRAL, Maria de Lurdes. **A influência da afetividade no ambiente pedagógico.** Disponível em: <<http://www.veterinariosnodiva.com.br/books/afetividade-ambiente-pedagogico.pdf>>. Acesso 08 dez. 2011.

TASSONI, Elvira Cristina Martins. **Afetividade e aprendizagem:** a relação professor-aluno. 2000. Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <<http://www.puc-campinas.edu.br>>. Acesso em 02 jan. 2012.

VIEIRA, Juvenice Fernandes. **Onde mora a violência?** As novas relações familiares. **Mundo Jovem: Um Jornal de Ideias.** Porto Alegre, ano XLIV, nº 369, ago. 2006, p. 09.